



Memórias de uma
GUEIXA
Arthur Golden

TRADUÇÃO DE LYA LUFT





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

PARA MINHA ESPOSA, TRUDY,
E MEUS FILHOS, HAYS E TESS.

NOTA DO TRADUTOR

CERTA NOITE NA PRIMAVERA de 1936, quando eu era um rapazinho de 14 anos, meu pai me levou a um espetáculo de dança em Kioto. Só duas coisas lembro desse dia. A primeira é que ele e eu éramos os dois únicos ocidentais na plateia; fazia poucas semanas que tínhamos chegado de nossa terra, os Países Baixos, de modo que ainda não me habituara ao isolamento cultural e o sentia intensamente. A segunda é quanto me agradou, depois de meses de estudo intensivo de japonês, perceber que conseguia entender fragmentos das conversas que escutava. Quanto às jovens japonesas dançando no palco à minha frente, nada lembro, exceto uma vaga impressão de quimonos de cores vivas. Eu certamente não tinha como saber que, num lugar e futuro tão distantes como Nova York cinquenta anos depois, uma delas se tornaria minha amiga e me daria suas extraordinárias memórias.

Por ser historiador, sempre considerei memórias uma fonte de pesquisa. Uma memória é mais um registro do universo do memorialista que do memorialista em si. É diferente da biografia na medida em que um memorialista nunca vai conseguir obter a perspectiva do biógrafo. Autobiografia, se é que isso existe, é como pedir a um coelho que nos conte que percepção ele tem de si mesmo enquanto saltita pelo campo. Como poderia saber? Se quiséssemos ouvir algo a respeito do campo, por outro lado, ninguém estaria em melhores condições de nos relatar isso do que o coelho – desde que lembremos que nos ficariam faltando todas as coisas que ele não conseguisse observar.

Digo isso com a certeza do acadêmico que baseou sua carreira nessas distinções. Mesmo assim, devo confessar que as memórias de minha querida amiga Nitta Sayuri me levaram a repensar meus pontos de vista. Sim, ela nos revela o mundo muito secreto em que viveu – a visão que o coelho tem do campo, se preferirem. Talvez não haja melhor registro da estranha vida de uma gueixa do que o que Sayuri nos dá. Mas ela também deixa um registro de si mesma, bem mais completo e acurado e mais emocionante do que o longo capítulo sobre sua vida publicado no livro *Jóias cintilantes*

do Japão ou nos vários artigos de revista a seu respeito que surgiram ao longo dos anos. Parece que, pelo menos no caso desse assunto inusitado, ninguém conheceu tão bem a memorialista quanto ela própria.

O fato de Sayuri atingir essa proeminência foi em grande parte questão de acaso. Outras mulheres tiveram vidas semelhantes. A renomada Kato Yuki – gueixa que conquistou o coração de George Morgan, sobrinho de J. Pierpont, e se tornou sua “noiva” ainda em Gion na primeira década do século XX – pode ter levado em alguns aspectos uma vida até mais inusitada do que a de Sayuri. Mas somente Sayuri documentou de forma tão completa a sua saga. Por muito tempo pensei que essa decisão tivesse sido mero acidente. Se houvesse permanecido no Japão, Sayuri não teria tido tempo para sequer pensar em compilar suas memórias. Mas em 1962 ela foi obrigada a emigrar para os Estados Unidos. Pelos trinta anos seguintes, morou no hotel Waldorf Astoria, em Nova York, onde montou para si uma suíte em elegante estilo japonês no trigésimo segundo andar. Mesmo assim, sua vida continuou no seu ritmo frenético. Em sua suíte recebeu muitíssimos artistas japoneses, intelectuais, empresários – até ministros e um ou dois gângsteres. Só soube da sua existência quando fomos apresentados, em 1985. Por ser um estudioso do Japão, eu já ouvira falar de Sayuri, embora quase nada soubesse a respeito dela. Nossa amizade cresceu, ela confiava cada vez mais em mim. Certo dia perguntei se pensava em permitir que sua história fosse contada.

– Bem, Jakob-san, talvez, se você a registrar – disse-me.

E foi assim que iniciamos nossa parceria. Sayuri estava certa de que preferia ditar suas memórias a escrevê-las, porque, como explicou, era tão habituada a conversar que dificilmente saberia como agir sem ter alguém para escutá-la. Concordei, e o manuscrito me foi ditado durante dezoito meses. Eu nunca havia prestado tanta atenção ao dialeto de Kioto que Sayuri falava – no qual as gueixas são chamadas *geiko* e quimonos por vezes são *obebe* – até que tive de me preocupar em como traduziria todas as suas nuances. Mas desde o começo me entreguei ao mundo dela. Em todas as ocasiões, com exceção de algumas poucas, nós nos encontrávamos à noite; devido a longo hábito, era quando a mente de Sayuri ficava mais aguçada. Em geral, ela preferia trabalhar em sua suíte no Waldorf, mas de vez em quando nos víamos em uma sala reservada de um restaurante japonês na Park Avenue, onde era bem conhecida. Nossas reuniões costumavam durar de duas a três horas. Embora gravássemos cada sessão em fita, sua secretária estava

presente para também transcrever seu ditado, o que fazia com grande fidelidade. Mas Sayuri jamais falava com o gravador ou com a secretária: falava sempre comigo. Quando tinha dúvidas a respeito de como prosseguir, era a mim que consultava. Eu me considerava o alicerce daquele empreendimento e sentia que a história dela jamais teria sido contada se eu não tivesse conquistado sua confiança. Hoje vejo isso de outra forma. Foi Sayuri quem me escolheu para a tarefa de registrar seu relato, mas talvez ela sempre tivesse esperado que surgisse o candidato certo.

O que nos leva à questão central: por que Sayuri iria querer que sua história fosse contada? Gueixas não fazem nenhum voto formal de silêncio, mas sua existência é marcada pela convicção bastante japonesa de que o que ocorre de manhã no escritório e o que ocorre à noite atrás de portas fechadas não guardam nenhuma relação entre si e precisam permanecer para sempre distintos e separados. Gueixas simplesmente não falam sobre suas experiências. Como as prostitutas – suas contrapartes de classe inferior –, as gueixas estão na inusitada condição de conhecer comportamentos íntimos de figuras públicas. Provavelmente é mérito dessas borboletas noturnas encarar o papel de depositárias dessa confiança, mas, de qualquer maneira, a gueixa que trai essa confiança fica numa posição insustentável. As circunstâncias do relato de Sayuri eram inusitadas, pois ninguém mais tinha poder sobre ela no Japão. Seus laços com o país natal já haviam sido cortados. Isso pode explicar ao menos em parte por que ela já não se sentia obrigada a silenciar, mas não nos diz por que decidiu falar. Eu tinha receio de levantar essa questão com ela – e se ela mudasse de ideia? Mesmo quando o manuscrito ficou completo, relutei em perguntar. Só depois de ela ter recebido o adiantamento do editor, senti segurança para questioná-la: por que tinha querido documentar a sua vida?

– O que mais posso fazer com meu tempo hoje em dia? – respondeu.

O leitor que decida se seu motivo foi realmente esse.

Embora estivesse ansiosa para que sua biografia fosse registrada, Sayuri insistiu em uma série de condições. Queria que o manuscrito só fosse publicado depois de sua morte e da morte de vários homens que tiveram papel central em sua vida. Mas, no fim, todos faleceram antes dela. Sayuri se preocupava muito em que ninguém ficasse constrangido por suas revelações. Procurei não mudar nomes, embora Sayuri escondesse as identidades de certos homens até mesmo de mim, pela convenção – bastante comum entre as gueixas – de se referir a clientes por um apelido. Se, ao deparar com

personagens como o Sr. Flocos de Neve – o que sugere caspa –, o leitor que pensar que Sayuri queria apenas fazer graça, estará interpretando de forma errada sua verdadeira intenção.

Quando pedi permissão a Sayuri para usar um gravador, pretendia fazer isso apenas como segurança contra possíveis erros de transcrição da parte de sua secretária. Mas depois para sua morte, no ano passado, fiquei pensando se não tive também outros motivos – isto é, preservar a sua voz, que tinha uma expressividade muito rara. Habitualmente ela falava com um tom suave, como se esperaria de uma mulher que fez carreira entretendo homens. Mas quando desejava me apresentar alguma cena de sua vida, sua voz podia me fazer pensar que havia seis ou oito pessoas na sala. Às vezes ainda ouço suas fitas em meu estúdio à noite, e acho muito difícil acreditar que ela não está mais entre nós.

JAKOB HAARHUIS

*Professor de história japonesa
titular da cadeira Arnold Rusoff da
Universidade de Nova York*

CAPÍTULO UM

IMAGINE QUE VOCÊ E EU estejamos sentados em um cômodo sossegado que dá para um jardim, conversando e bebericando nosso chá verde enquanto falamos de algo passado há muito tempo, e eu lhe diga: “Aquela tarde, quando encontrei Fulano de Tal, foi a melhor tarde de minha vida e também a pior...” Eu esperaria que você baixasse sua xícara e dissesse: “Afinal foi o quê? A melhor ou a pior? Porque é impossível que tenha sido as duas coisas!” Habitualmente eu teria rido de mim mesma, concordando com você. Mas a verdade é que a tarde em que conheci o Sr. Tanaka Ichiro foi de fato a melhor e a pior de minha vida. Ele me pareceu tão fascinante que até o cheiro de peixe em suas mãos foi uma espécie de perfume para mim. Se não o tivesse conhecido, tenho certeza de que não teria me tornado uma gueixa.

Não nasci nem fui criada para ser uma gueixa de Kioto. Eu nem ao menos nasci em Kioto. Sou filha de um pescador de uma aldeiazinha chamada Yoroido, no mar do Japão. Em toda a minha vida, não falei sobre Yoroido a mais do que umas poucas pessoas, nem sobre a casa onde cresci, ou sobre minha mãe e meu pai, ou sobre minha irmã mais velha – e com certeza não falei sobre como me tornei uma gueixa ou como foi ser uma. A maior parte das pessoas teria preferido seguir com suas fantasias de que minha mãe e avó foram gueixas, de que comecei a treinar minha dança tão logo fui desmamada e assim por diante. Na verdade, um dia, há muitos anos, estava servindo uma taça de saquê para um homem que casualmente mencionou ter estado em Yoroido na semana anterior. Bem, senti-me como deve se sentir um pássaro que atravessa o oceano e encontra uma criatura que conheceu seu ninho. Fiquei tão chocada que não consegui deixar de dizer:

– Yoroido! Ora, foi lá que eu cresci!

Pobre homem! Seu rosto passou pela mais notável série de transformações. Esforçou-se ao máximo por sorrir, mas não se saiu muito bem, porque não conseguia tirar do rosto a expressão de choque.

– Yoroido? – disse. – Você não pode estar falando sério!

Há muito tempo desenvolvi um sorriso muito treinado que chamo meu

“sorriso nô”, porque se parece com uma máscara nô de sorriso congelado. A vantagem é que os homens podem interpretá-lo como quiserem; e você pode imaginar quantas vezes recorri a ele. Decidi que seria melhor usá-lo naquele momento, e funcionou. O homem expirou forte e baixou a taça de saquê que eu lhe servira, depois deu uma grande risada – que, tenho certeza, foi causada mais por alívio do que por qualquer outra coisa.

– Que ideia! – disse, com outra grande risada. – Você crescendo num lixo como Yoroido. É como preparar chá num balde! – Rindo mais, disse ainda: – É por isso que você é tão divertida, Sayuri-san. Às vezes quase me faz acreditar que suas pequenas anedotas são verdade.

Não gosto muito de pensar em mim mesma como chá preparado num balde, mas acho que de certa forma deve ser verdade. Afinal, eu cresci em Yoroido, e ninguém diria que se trata de um lugar charmoso. Quase ninguém o visita. As pessoas que moram lá nunca têm oportunidade de sair. Provavelmente você está imaginando como é que eu saí de lá. E é aí que começa a minha história.



Em Yoroido, nossa pequena aldeia de pescadores, eu morava no que chamava de “casa bêbada”. Ficava perto de um penhasco onde o vento soprava o tempo todo do oceano. Em criança eu achava que o oceano tinha um resfriado terrível, porque estava sempre chiando, e em certos acessos soltava um espirro enorme – o que significa uma lufada de vento com respingos tremendos. Decidi que nossa casa minúscula devia ter se ofendido com o oceano espirrando na sua cara de tempos em tempos e que se inclinara para trás para esquivar-se disso. Provavelmente teria desmoronado se meu pai não tivesse cortado madeira de um barco de pesca naufragado para escorar os beirais, o que fazia a casa parecer um velho embriagado que se amparava numa bengala.

Dentro dessa casa bêbada levei uma espécie de vida entortada. Porque desde os meus primeiros anos fui muito parecida com minha mãe e quase nada com meu pai ou com minha irmã mais velha. Minha mãe dizia que era porque éramos feitas do mesmo jeito, ela e eu – e na verdade tínhamos os mesmos olhos peculiares de um tipo que quase nunca se vê no Japão. Em vez de serem castanho-escuros como os de todo mundo, os olhos de minha mãe eram de um cinza translúcido, e os meus são exatamente assim.

Quando era muito pequena, eu disse à minha mãe que achava que alguém tinha feito um furo em seus olhos e a tinta escorrera, o que ela achou muito engraçado. As adivinhas diziam que seus olhos eram tão pálidos porque havia água de mais em sua personalidade, tanta que os outros quatro elementos quase nem estavam presentes – e diziam que era por isso que seus traços combinavam tão mal. Muitas vezes os moradores da aldeia diziam que ela deveria ter saído muito bonita, porque seus pais eram bonitos. Bem, o pêssego tem um gosto delicioso e o cogumelo também, mas não se podem juntar os dois; era essa a terrível peça que a natureza lhe pregara. Tinha a boca amuada da mãe, mas o queixo anguloso do pai, o que dava a impressão de uma pintura delicada com moldura pesada demais. E seus adoráveis olhos cinzentos eram rodeados de cílios espessos – que devem ter sido belos no pai, mas nela apenas lhe conferiam um ar espantado.

Minha mãe sempre dizia que se casara com meu pai porque havia água de mais em sua própria personalidade e madeira de mais na dele. Quem conhecia meu pai logo entendia o que ela estava dizendo. Água corre rápido de um lugar a outro e sempre encontra uma fenda onde se derramar. Madeira, por outro lado, prende-se rapidamente à terra. No caso de meu pai isso era bom, pois ele era pescador, e um homem com madeira na personalidade vive bem no mar. Na verdade, no mar meu pai ficava mais à vontade do que em qualquer outro lugar – e nunca se afastava muito dele. Tinha cheiro de mar mesmo depois de ter tomado banho. Quando não estava pescando, ele se sentava junto da mesinha em nossa sala escura na frente da casa e remendava uma rede de pesca. E se a rede fosse uma pessoa adormecida, ele nem a acordaria, tão devagar trabalhava. Mesmo quando assumia um ar concentrado, a gente podia correr para fora e esvaziar a banheira no tempo que ele levava para rearranjar seus traços. Seu rosto tinha sulcos fundos, e em cada sulco ele enfiava uma preocupação ou outra, de modo que já era mais uma árvore com ninhos de pássaros em todos os galhos do que um rosto em si. Ele precisava lutar constantemente para administrar isso, e sempre parecia exausto pelo esforço.

Quando eu tinha 6 ou 7 anos, aprendi a respeito de meu pai algo que não sabia ainda. Um dia eu lhe perguntei:

– Papai, por que o senhor é tão velho?

Ele arqueou as sobrancelhas, que formaram pequenas sombrinhas sobre seus olhos. Expirou longamente, balançou a cabeça e disse:

– Não sei.

Quando me virei para minha mãe, ela me lançou aquele olhar que significava que outra hora responderia à minha pergunta. No dia seguinte, sem dizer nada, me levou para a aldeia colina abaixo e pegou uma trilha que levava a um cemitério no bosque. Conduziu-me a três sepulturas num canto, com três lápides finas como postes e bem mais altas do que eu. Havia letras pretas e severas escritas neles, de alto a baixo, mas eu não frequentara a escola de nossa aldeiazinha o suficiente para compreender onde uma terminava e outra começava. Minha mãe apontou para eles e disse:

– Natsu, esposa de Sakamoto Minoru.

Sakamoto Minoru era o nome de meu pai.

– Morreu aos 24 anos, no décimo nono ano de Meiji.

Depois apontou a outra lápide:

– Jinichiro, filho de Sakamoto Minoru, morreu aos 6 anos, no décimo nono ano de Meiji.

E depois apontou para a lápide seguinte, idêntica exceto pelo nome, Masao, e a idade, que era de 3 anos. Levei algum tempo para compreender que meu pai fora casado antes, havia muito tempo, e que toda a sua família tinha morrido. Voltei àquelas sepulturas pouco depois e, parada ali, descobri que a tristeza era uma coisa muito pesada. Meu corpo pesava o dobro que no momento anterior, como se aquelas tumbas me puxassem para baixo, para junto delas.



Com tanta água e tanta madeira, meus pais deveriam formar um bom equilíbrio e gerar crianças com o arranjo adequado de elementos. Estou certa de que foi uma surpresa para ambos acabarem com uma filha de cada elemento. Pois eu era mais do que apenas parecida com minha mãe: até herdara seus olhos incomuns; e minha irmã, Satsu, assemelhava-se tanto a meu pai quanto possível. Satsu tinha seis anos a mais que eu e, naturalmente, sendo mais velha, podia fazer coisas que eu não podia. Mas Satsu tinha a notável qualidade de fazer tudo de um jeito que parecia acidental. Por exemplo, se lhe pedíssemos que servisse uma tigela de sopa pegando-a em uma panela no fogão, ela fazia a tarefa, mas de um modo que era como se tivesse conseguido despejar sopa na tigela por mera sorte. Uma vez até se cortou com um peixe, e não falo da faca que usava para limpá-lo. Vinha da aldeia colina acima trazendo um peixe enrolado em papel, quando ele

escorregou e caiu contra sua perna de tal modo que a cortou com uma de suas barbatanas.

Nossos pais podiam ter tido outros filhos além de Satsu e eu, sobretudo porque meu pai queria muito um menino para pescar com ele. Mas quando eu tinha 7 anos minha mãe ficou muito doente, provavelmente de câncer nos ossos, embora na época eu não tivesse ideia do que havia de errado com ela. Sua única fuga da dor era dormir, o que começou a fazer do jeito que os gatos fazem – quer dizer, mais ou menos o tempo todo. Com o correr dos meses, ela passou a dormir a maior parte do tempo e logo começou a gemer sempre que estava acordada. Eu sabia que alguma coisa nela mudava rápido, mas por causa da água em abundância em sua personalidade isso não me pareceu preocupante. Às vezes ela emagrecia muito em questão de meses, mas com a mesma rapidez voltava a se fortalecer. Porém, quando eu tinha 9 anos, os ossos em seu rosto começaram a se destacar, e ela nunca mais ganhou peso. Não compreendi que a água se esvaía dela por causa da enfermidade. Assim como as algas do mar são naturalmente encharcadas, mas ficam quebradiças quando secam, minha mãe vinha perdendo cada vez mais de sua essência.

Então, certa tarde eu estava sentada no chão desigual de nossa escura sala da frente, cantando para um grilo que encontrara de manhã, quando uma voz chamou à porta:

– Ei! Abram! É o Dr. Miura!

O Dr. Miura vinha uma vez por semana à nossa aldeia de pescadores, e fazia questão de subir a colina e ver minha mãe desde que sua doença começara. Naquele dia meu pai ficara em casa, porque se armava uma terrível tempestade. Estava no seu lugar habitual, com suas duas grandes mãos parecendo aranhas enroladas numa rede de pesca. Mas deixou o trabalho um instante para me olhar e erguer um dos dedos. Isso significava que eu devia abrir a porta.

O Dr. Miura era um homem muito importante – ou nós da aldeia pensávamos assim. Estudara em Tóquio e sabia mais caracteres chineses do que qualquer um de nós. Era orgulhoso demais para notar uma criatura como eu. Quando abri a porta para ele, tirou os sapatos e passou direto por mim, entrando na casa.

– Então, Sakamoto-san – disse a meu pai –, eu queria ter a sua vida, pescando no mar o dia todo. Que glória! E depois, em dias ruins, você descansa. Estou vendo que sua mulher ainda dorme – prosseguiu. – Que pena! Pensei que poderia examiná-la.

– Ah? – disse meu pai.

– Sabe, na semana que vem não vou estar aqui. Talvez você possa acordá-la. Meu pai levou algum tempo soltando as mãos da rede, mas por fim se levantou.

– Chiyo-chan – chamou-me –, traga chá para o doutor.

Naquele tempo meu nome era Chiyo. Só anos mais tarde eu seria conhecida pelo meu nome de gueixa, Sayuri.

Meu pai e o médico entraram no outro cômodo, onde minha mãe dormia. Tentei escutar na porta, mas só conseguia ouvir minha mãe gemendo, e nada do que se dizia. Distraí-me preparando o chá e logo o doutor surgiu esfregando as mãos e parecendo muito sério. Ele e meu pai se sentaram juntos à mesa.

– Chegou a hora de lhe dizer uma coisa, Sakamoto-san – começou o Dr. Miura. – Você precisa falar com uma das mulheres da aldeia, quem sabe a Sra. Sugi. Peça-lhe para fazer um belo traje novo para sua mulher.

– Não tenho dinheiro, doutor – disse meu pai.

– Todos nós ficamos mais pobres ultimamente. Entendo o que você está dizendo. Mas você deve isso à sua mulher. Ela não pode morrer naquela roupa esfarrapada que está usando.

– Então ela vai morrer logo?

– Talvez mais algumas semanas. Sofre dores horríveis. A morte vai ser um alívio para ela.

Depois disso não pude mais ouvir suas vozes, pois em meus ouvidos havia um rumor como o bater de asas de um pássaro em pânico. Talvez fosse meu coração, não sei. Mas se você alguma vez viu um pássaro preso dentro de um templo procurando um jeito de fugir, era assim que minha mente reagia. Nunca me ocorrera que minha mãe não continuasse apenas doente. Não quero dizer que nunca pensasse no que aconteceria se ela morresse; pensava nisso do mesmo modo que pensava no que poderia acontecer se nossa casa fosse engolida por um terremoto. Dificilmente poderia haver vida depois de um acontecimento desses.

– Sempre achei que eu ia morrer primeiro – meu pai estava dizendo.

– Você é velho, Sakamoto-san, mas tem boa saúde. Pode ter mais quatro, cinco anos. Vou lhe deixar mais algumas daquelas pílulas para sua mulher. Pode lhe dar duas de uma vez, se for preciso.

Falaram mais um pouco sobre as pílulas, depois o Dr. Miura foi embora. Meu pai continuou sentado um longo tempo em silêncio, de costas

para mim. Não usava camisa, apenas a sua pele frouxa; quanto mais olhava para ele, mais sua figura parecia uma curiosa coleção de formas e texturas. Sua espinha era uma trilha de nós. Sua cabeça, com manchas descoloridas, poderia ser uma fruta machucada. Seus braços eram paus enrolados em couro velho, balançando de duas mossas. E se minha mãe morresse, como eu poderia continuar morando com ele? Não queria me separar dele; mas ele estando ali ou não, a casa ficaria igualmente vazia depois que minha mãe se fosse.

Por fim, meu pai disse meu nome num sussurro. Fui ajoelhar-me a seu lado.

– É muito importante – falou ele.

Seu rosto estava ainda mais pesado do que o habitual, olhos rolando nas órbitas quase como se tivesse perdido controle sobre eles. Pensei que estava lutando para me dizer que minha mãe morreria logo, mas tudo o que disse foi:

– Vá até a aldeia. Traga um pouco de incenso para o altar.

Nosso minúsculo altar budista pousava sobre um caixote velho ao lado da entrada da cozinha, e era a única coisa de valor em nossa casa bêbada. Na frente de uma tosca escultura de Amida, o buda do paraíso ocidental, havia minúsculas tabuinhas mortuárias pretas com os nomes budistas de nossos ancestrais mortos.

– Mas, pai... é só isso?

Ele fez com a mão um gesto indicando-me que saísse.



A trilha de nossa casa bêbada seguia a beira dos penhascos junto ao mar antes de dobrar para o interior, em direção da aldeia. Caminhar por ali num dia daqueles era difícil, mas me lembro de ter me sentido grata, porque o vento feroz afastava minha mente das preocupações. O mar estava violento, com ondas como pedras com beiradas tão agudas que poderiam cortar. Parecia que o mundo todo sentia o mesmo que eu. A vida não era nada além de uma tempestade a varrer constantemente o que estivera ali um momento antes, tornando tudo estéril e irreconhecível? Eu nunca pensara assim antes. Para escapar disso, corri trilha abaixo até a aldeia aparecer diante de mim. Yoroido era uma aldeia muito pequena, bem na entrada de uma enseada. Era comum a água ficar salpicada de pescadores, mas hoje eu

só podia ver uns poucos botes retornando – e parecendo-me, como sempre, baratas-d'água a saltitar na superfície. A tempestade ficava séria; eu podia ouvir seu bramido, e as nuvens lá no alto eram pretas como carvão. Os pescadores na enseada começaram a ficar borrados e a desaparecer na cortina de chuva, depois sumiram por completo. Pude ver a tempestade escalando a encosta em minha direção. As primeiras gotas me golpearam como ovos de codorna, e em alguns segundos eu estava molhada como se tivesse caído no mar.

Yoroido tinha só uma rua, que levava direto para a porta da frente da Companhia Japonesa de Frutos do Mar. Dos lados da companhia se alinhavam algumas casas cujos cômodos da frente eram usados como lojas. Corri pela rua até a casa Okada, onde funcionava um armazém, mas nisso algo me aconteceu – um desses fatos triviais com conseqüências enormes, como dar um passo em falso e cair diante de um trem. A rua lamacenta ficara escorregadia da chuva, e meus pés perderam o apoio. Caí para a frente, sobre um lado do rosto. Acho que desmaiei, porque só me lembro de uma espécie de embotamento e de sentir na minha boca algo que queria cuspir fora. Ouvi vozes e percebi que estava sendo virada de costas, depois fui levantada e carregada. Sabia que estavam me levando para dentro da Companhia Japonesa de Frutos do Mar, porque sentia o odor de peixe enroscando-se em mim. Ouvi um som de algo sendo arrastado quando removeram uma porção de peixes de uma das mesas de madeira para o chão e me deitaram naquela superfície escorregadia. Eu sabia que estava molhada de chuva, sangrando também, e que estava descalça e suja, metida em roupas de camponesa. O que não sabia era que aquele era o momento que mudaria tudo. Pois foi nesse estado que ergui os olhos para o rosto do Sr. Tanaka Ichiro.

Eu já vira o Sr. Tanaka várias vezes antes em nossa aldeia. Ele vivia numa cidade muito maior, ali perto, mas vinha todos os dias, pois sua família era dona da Companhia Japonesa de Frutos do Mar. Não usava roupas de camponês como os pescadores, mas um quimono masculino, com calças de quimono que o faziam parecer, a meus olhos, uma daquelas ilustrações de samurais. Sua pele era macia e retesada como num tambor; suas maçãs do rosto eram colinas lustrosas como a pele crocante de peixe grelhado. Sempre o achara fascinante. Quando eu estava na rua brincando com um saquinho de feijões com as outras crianças e o Sr. Tanaka por acaso saía da Companhia Japonesa de Frutos do Mar, sempre interrompia o que estivesse fazendo para olhar para ele.

Estava ali deitada naquela mesa viscosa enquanto o Sr. Tanaka examinava meu lábio, puxando-o para baixo entre seus dedos e movendo minha cabeça para um lado e para o outro. De repente ele deparou com meus olhos cinzentos, fixos no seu rosto com tamanha fascinação que eu não podia nem fingir que não o estivesse admirando. Ele pareceu me achar uma menina desavergonhada; nem desviou os olhos, como se o que eu pensasse ou para onde olhasse não fizesse a mínima diferença. Ficamos nos encarando um longo momento – tão longo que me deu um arrepio até mesmo ali, no ar abafado da Companhia Japonesa de Frutos do Mar.

– Eu conheço você – disse ele. – É a filhinha do velho Sakamoto.

Mesmo sendo criança, eu podia dizer que o Sr. Tanaka via o mundo a seu redor como realmente era: nunca tinha aquele olhar aturdido de meu pai. Para mim, ele parecia capaz de ver a resina sangrando dos troncos dos pinheiros e o círculo de claridade no céu onde o sol estava coberto de nuvens. Vivia num mundo visível, mesmo que nem sempre lhe agradasse estar nele. Eu sabia que ele percebia as árvores e a lama e as crianças na rua, mas não tinha motivos de achar que me notara.

Talvez por isso, quando ele falou comigo, meus olhos se encheram de lágrimas.

O Sr. Tanaka me pôs sentada. Achei que me mandaria embora, mas em vez disso ele disse:

– Não engula esse sangue, menininha. A não ser que queira ter uma pedra no estômago. Se eu fosse você, cuspiam isso no chão.

– Sangue de menina, Sr. Tanaka? – disse um dos homens. – Logo aqui, onde botamos o peixe?

Sabe, pescadores são terrivelmente supersticiosos. Acima de tudo, não querem mulheres metidas no que diz respeito à pesca. Um homem de nossa aldeia, o Sr. Yamamura, encontrou a filha brincando no bote certa manhã. Bateu nela com um pau, depois lavou o bote com saquê e lixívia tão fortes que a madeira perdeu a cor em alguns pontos. Mas nem isso bastou; o Sr. Yamamura mandou chamar o sacerdote xintoísta para abençoar o barco. Tudo isso porque a filha brincara no local onde se pegam peixes. E ali estava o Sr. Tanaka sugerindo que eu cuspiasse sangue no chão do aposento onde se limpavam peixes.

– Se está com medo de que o cuspe dela possa estragar as tripas de peixe – disse o Sr. Tanaka –, leve-as para casa. Eu tenho bastantes aqui.

– Não são as tripas de peixe, senhor.

– Eu acho que o sangue dela vai ser a coisa mais limpa que já caiu neste chão desde que você ou eu nascemos. Vamos – disse o Sr. Tanaka, agora falando para mim. – Cuspa fora.

Lá estava eu, sentada naquela mesa viscosa, sem saber o que fazer. Achei que seria horrível desobedecer ao Sr. Tanaka, mas não sei se teria tido coragem de cuspir se um dos homens não houvesse se inclinado para o lado pressionando um dedo na narina e assoando o nariz no chão. Depois de ver isso, não consegui mais manter nada na boca e cuspi o sangue, como o Sr. Tanaka tinha me dito para fazer. Todos os homens se afastaram enojados, menos o assistente do Sr. Tanaka, chamado Sugi. O Sr. Tanaka lhe disse que fosse buscar o Dr. Miura.

– Não sei onde ele está – disse Sugi, embora o que quisesse mesmo dizer, eu acho, era que não estava interessado em ajudar.

Eu disse ao Sr. Tanaka que o médico estivera em nossa casa minutos antes.

– Onde fica a sua casa? – perguntou o Sr. Tanaka.

– É a casinha bêbada no alto do penhasco.

– O que significa... casa bêbada?

– É aquela que está torta para um lado como se tivesse bebido demais.

O Sr. Tanaka pareceu não saber o que pensar daquilo.

– Bom, Sugi, vá até a casa bêbada de Sakamoto e procure o Dr. Miura. Não será difícil encontrá-lo. Basta ouvir os gritos de seus pacientes quando os apalpa.

Imaginei que o Sr. Tanaka voltaria ao seu trabalho depois que Sugi se fosse; em vez disso ele ficou parado longo tempo junto da mesa me encarando. Senti meu rosto começar a arder. No fim ele disse algo que achei muito inteligente.

– Você está com uma berinjela no rosto, filhinha de Sakamoto.

Foi até uma gaveta e pegou um espelhinho para me mostrar. Meu lábio estava inchado e roxo, bem como ele dissera.

– Mas o que eu realmente quero saber – disse ele – é como você conseguiu esses olhos tão extraordinários e por que não se parece com seu pai.

– São os olhos de minha mãe – contei. – Meu pai tem tantas rugas que nunca soube qual a aparência verdadeira dele.

– Você também vai ter rugas um dia.

– Mas algumas das rugas foi ele que fez – falei. – A parte de trás de sua cabeça é tão velha quanto a da frente, mas lisa como um ovo.

– Isso não é uma coisa respeitosa para dizer sobre seu pai – disse o Sr. Tanaka. – Mas acho que é verdade.

Depois disse algo que me fez corar tanto que meus lábios devem ter ficado pálidos.

– Então como um velho enrugado com cabeça de ovo gerou uma menina linda como você?

Nos anos que se passaram desde então, fui chamada de linda mais vezes do que posso recordar. Embora gueixas sempre sejam chamadas de lindas, mesmo as que não o são. Mas quando o Sr. Tanaka o disse para mim, antes de eu ouvir isso como gueixa, quase acreditei que era verdade.



Depois de o Dr. Miura cuidar de meu lábio e de eu ter comprado o incenso que meu pai me mandara buscar, voltei para casa num estado de tamanha agitação que nem mesmo se eu fosse um formigueiro haveria mais atividade dentro de mim. Teria sido mais fácil se minhas emoções me levassem na mesma direção, mas não era tão simples. Eu estava sendo jogada de um lado para outro como um pedacinho de papel na ventania. Em algum lugar além do desconforto em meu lábio e dos meus vários pensamentos relacionados com minha mãe, se aninhava um pensamento agradável que eu tentava focar a toda hora. Era sobre o Sr. Tanaka. Parei sobre os penhascos e fiquei olhando o mar, onde mesmo depois da tempestade as ondas continuavam como pedras afiadas e o céu adquirira um tom castanho de lama. Certifiquei-me de que ninguém estava olhando, depois apertei o incenso ao peito e pronunciei o nome do Sr. Tanaka no vento que assobiava, repetidamente, até ficar satisfeita de ouvir música em cada sílaba. Sei que parece uma tolice de minha parte – e era mesmo. Mas eu era apenas uma menininha confusa.

Depois de terminarmos o nosso jantar e de meu pai descer até a aldeia para assistir a outros pescadores jogando xadrez japonês, Satsu e eu limpamos a cozinha caladas. Tentei lembrar como o Sr. Tanaka me fizera sentir, mas no silêncio frio de casa aquilo me escapara. Em vez disso, senti um medo gelido e persistente ao pensar na doença de minha mãe. Surpreendi-me imaginando quanto tempo demoraria até ela ser enterrada no cemitério da aldeia junto com a outra família de meu pai. O que seria de mim depois disso? Com minha mãe morta, Satsu ficaria em seu lugar, pensei. Observei minha

irmã esfregar a panela de ferro onde cozinhara nossa sopa: mesmo estando bem diante dela, apesar de seus olhos estarem fixados naquele objeto, eu sabia que ela não via. Continuou esfregando muito depois que a panela estava limpa. Por fim eu lhe disse:

– Satsu-san, não estou me sentindo bem.

– Vá lá fora e esquite o banho – disse-me ela e afastou dos olhos seu cabelo rebelde com uma das mãos molhadas.

– Não quero um banho – falei. – Satsu, a mamãe vai morrer...

– Esta panela está rachada. Olhe!

– Não está rachada – disse eu. – Essa linha sempre esteve aí.

– Mas então como foi que a água saiu?

– Você a despejou. Eu estava vendo.

Por um momento percebi que Satsu sentia muito intensamente algo que, assim como tantas de suas emoções, se traduzia em seu rosto como um olhar de extrema perplexidade. Mas não me disse mais nada. Apenas tirou a panela do fogão e foi até a porta para botá-la no lixo.

CAPÍTULO DOIS

NA MANHÃ SEGUINTE, para afastar a mente de minhas preocupações, fui nadar no laguinho perto de nossa casa, no meio de um bosque de pinheiros. As crianças da aldeia iam até lá quase todas as manhãs quando fazia bom tempo. Satsu também ia algumas vezes, usando um maiô tosco que fizera com uma das velhas roupas de pescaria de nosso pai. Não era um traje de banho muito bonito porque ficava frouxo no peito e, sempre que ela se inclinava, um dos meninos gritava:

– Olha ali! Dá para ver o monte Fuji!

Mas ela o usava mesmo assim.

Pelo meio-dia, decidi voltar para casa e comer alguma coisa. Satsu saíra bem mais cedo com o rapazinho Sugi, filho do assistente do Sr. Tanaka. Parecia um cachorrinho ao redor dele. Quando ele ia a algum lugar, olhava sobre o ombro sinalizando que ela devia segui-lo, e ela sempre ia. Eu não esperava voltar a vê-la até a hora do jantar, mas quando me aproximei da casa vi minha irmã à minha frente na trilha, encostada numa árvore. Se você tivesse visto o que estava acontecendo, teria entendido logo. Mas eu era apenas uma menininha. Satsu baixara seu traje de banho nos ombros, e o jovem Sugi estava brincando com os seus “montes Fuji”, como os meninos diziam.

Desde que nossa mãe adoecera, minha irmã engordara um pouquinho. Seus seios eram tão rebeldes quanto seu cabelo. O que mais me espantava era que essa rebeldia parecia ser exatamente o que o jovem Sugi achava fascinante neles. Fazia-os balançar em suas mãos, puxava-os de um lado para vê-los voltar ao lugar. Eu sabia que não devia espiar, mas não sabia o que fazer tendo a trilha à minha frente bloqueada. Então de repente escutei uma voz masculina dizer atrás de mim:

– Chiyo-chan, por que está espiando atrás dessa árvore?

Considerando que eu era uma menininha de 9 anos voltando de um lago onde estivera nadando, considerando que eu ainda não tinha em meu corpo formas nem texturas para esconder... bom, é fácil imaginar o que eu usava. Quando me voltei – ainda agachada na trilha, cobrindo minha

nudez com os braços do melhor jeito que podia –, lá estava parado o Sr. Tanaka. Eu não podia ficar mais constrangida! Nunca o tinha visto subir para a região da colina onde morávamos.

– Aquela ali adiante deve ser a sua casa bêbada – constatou ele. – E aquele ali parece o jovem Sugi. E parece bem ocupado! Quem é a mocinha com ele?

– Bom, acho que é a minha irmã, Sr. Tanaka. Estou esperando que saiam dali.

O Sr. Tanaka botou as mãos em concha em torno da boca e deu um grito, e escutei o som do jovem Sugi correndo dali pela trilha abaixo. Minha irmã também deve ter corrido, pois o Sr. Tanaka me disse para ir para casa e me vestir.

– Quando encontrar sua irmã – disse-me –, quero que lhe dê isto.

Entregou-me um embrulho de papel de arroz, mais ou menos do tamanho de uma cabeça de peixe.

– São ervas chinesas – explicou. – Não dê atenção ao Dr. Miura se ele disser que não valem nada. Faça sua irmã preparar chá e dar à sua mãe para diminuir a dor. São ervas muito preciosas. Cuide para não desperdiçar nada.

– É melhor eu mesma fazer isso, Sr. Tanaka. Minha irmã não sabe preparar chá muito bem.

– O Dr. Miura me contou que sua mãe está doente – disse ele. – Agora você me diz que sua irmã não sabe nem fazer um chá direito! Com seu pai tão velho, o que vai ser de você, Chiyo-chan? Quem cuida de você agora?

– Acho que agora eu cuido de mim mesma.

– Eu conheço um homem. Está mais velho agora, mas quando era um menino de sua idade, o pai dele morreu. No ano seguinte morreu a mãe dele, e então o seu irmão mais velho fugiu para Osaka e o deixou sozinho. Parece um pouco com você, não acha? – disse o Sr. Tanaka, e me lançou um olhar que não me deixava discordar. – Bom, o nome dele é Tanaka Ichiro – prosseguiu. – Sim, eu... Embora naquele tempo meu nome fosse Morihashi Ichiro. Fui acolhido pela família Tanaka aos 12 anos. Depois de crescer um pouco mais, me casei com a filha deles e fui adotado. Agora ajudo a dirigir a companhia de frutos do mar da família. No fim as coisas acabaram bem para mim, como viu. Quem sabe algo assim poderá acontecer com você?

Olhei por um instante o cabelo grisalho do Sr. Tanaka e as rugas na sua frente como sulcos na casca de uma árvore. Ele me pareceu o homem mais

sábio e culto do mundo. Acreditei que ele sabia coisas que eu não saberia nunca e que tinha uma elegância que eu não teria jamais e que seu quimono azul era mais fino do que tudo que eu chegaria a usar. Estava nua diante dele, agachada na lama, cabelo emaranhado e rosto sujo, cheiro de água do lago na pele.

– Acho que ninguém nunca vai querer me adotar – falei.

– Não? Você é uma menina esperta, não é? Chamando sua casa de “casa bêbada”, dizendo que a cabeça de seu pai parece um ovo!

– Mas parece mesmo.

– Por isso é um comentário inteligente. Agora corra, Chiyo-chan – ordenou. – Você quer almoçar, não quer? Quem sabe se sua irmã estiver tomando sopa você possa se deitar no chão e beber o que ela derramar.



Desde aquele momento comecei a fantasiar que o Sr. Tanaka me adotaria. Às vezes me esqueço de quanto me senti atormentada naquele período, e acho que teria me agarrado a qualquer coisa que me desse conforto. Muitas vezes, quando estava perturbada, sentia minha mente voltando à mesma imagem de minha mãe muito antes de começar a gemer de dor todas as manhãs. Eu tinha 4 anos e era a época do festival Bon Odori em nossa aldeia, quando saudamos os espíritos dos mortos que retornam. Depois de algumas noites de cerimônias no cemitério e fogueiras diante da entrada das casas para guiar os espíritos, nós nos reunimos na última noite do festival em nosso templo xintoísta, que ficava nos rochedos sobre a enseada. Assim que passávamos pelo portão do templo havia uma clareira – naquela noite decorada com lanternas de papel coloridas penduradas em cordas entre as árvores. Minha mãe e eu dançamos juntas por algum tempo com o resto dos moradores da vila, ao ritmo da música de tambores e de uma flauta, mas comecei a me sentir cansada e ela me aninhou em seu colo no limite da clareira. De repente o vento subiu os penhascos e uma das lanternas pegou fogo. Vimos a chama queimar a corda e a lanterna caiu flutuando até o vento apanhá-la de novo e fazê-la rolar pelo ar exatamente em nossa direção com um rastro de poeira dourada no céu. A bola de fogo pareceu pousar no solo, mas então minha mãe e eu a vimos erguer-se na corrente de vento e flutuar para nós. Senti que minha mãe me soltava e de súbito atirou os braços no fogo para apagá-lo. Por um momento ficamos as

duas banhadas em fagulhas e chamas; depois as pequenas faíscas flutuaram entre as árvores e se extinguiram, e ninguém – nem mesmo minha mãe – ficou ferido.



Mais ou menos uma semana depois, quando minhas fantasias de adoção haviam tido bastante tempo para amadurecer, voltei para casa certa tarde e encontrei o Sr. Tanaka sentado diante de meu pai à mesinha. Compreendi que conversavam algo sério, porque nem me notaram quando entrei. Fiquei ali, paralisada, para ouvir o que diziam.

– Então, Sakamoto, o que acha da minha proposta?

– Não sei, senhor – disse meu pai. – Não posso imaginar as meninas vivendo em outro lugar.

– Compreendo, mas ficariam muito melhor, e você também. Trate apenas de que desçam até a aldeia amanhã de tarde.

Isso dito, o Sr. Tanaka se levantou para sair. Fingi estar apenas chegando naquele momento, de modo que nos encontrássemos na porta.

– Eu estava mesmo falando com seu pai sobre você, Chiyo-chan – contou-me. – Moro do outro lado da montanha, na cidade de Senzuru. É maior do que Yoroido. Acho que você iria gostar. Por que você e Satsu-san não vão até lá amanhã? Vocês vão ver minha casa e conhecer minha filhinha. Quem sabe vão passar a noite? Só uma noite, você entende; e então eu as trarei de volta para sua casa. O que lhe parece?

Eu disse que seria muito bom. E esforcei-me por fingir que ninguém me sugerira nada fora do comum. Mas foi como se tivesse acontecido uma explosão em minha cabeça. Meus pensamentos tinham virado fragmentos que eu não conseguia juntar direito. Com certeza era verdade que parte de mim esperava desesperadamente ser adotada pelo Sr. Tanaka depois que minha mãe morresse; mas parte tinha muito medo. Senti-me horrivelmente envergonhada de sequer imaginar que eu poderia viver em algum lugar além de minha casa bêbada. Depois que o Sr. Tanaka saiu, tentei me ocupar na cozinha, mas estava um pouco como Satsu, pois quase não conseguia enxergar as coisas na minha frente. Não sei quanto tempo se passou. Então ouvi meu pai fungar e pensei que ele estava chorando, o que fez meu rosto arder de vergonha. Quando por fim me forcei a olhar para seu lado, vi-o com as mãos já enredadas em uma de suas redes de pesca, mas de pé

no umbral espreitando o quarto dos fundos, onde minha mãe jazia com o fino lençol que a cobria como uma pele.



No dia seguinte, preparando-me para encontrar o Sr. Tanaka na aldeia, esfreguei meus tornozelos sujos e fiquei mergulhada por algum tempo na nossa banheira, que um dia fora a caldeira de uma antiga máquina a vapor que alguém abandonara em nossa aldeia; tinham serrado o topo, e o interior fora forrado de madeira. Sentei-me longo período olhando o mar e sentindo-me muito independente, pois pela primeira vez em minha vida estava na iminência de ver algo do mundo fora de nossa aldeiazinha.

Quando Satsu e eu chegamos à Companhia Japonesa de Frutos do Mar, vimos os homens que voltavam do mar descarregando o pescado no cais. Meu pai estava entre eles, pegando peixes com suas mãos ossudas e largando-os dentro de cestos. A certa altura ele olhou para mim e Satsu, depois limpou o rosto na manga da camisa. De algum modo suas feições pareciam mais pesadas do que o habitual. Os homens carregavam os cestos cheios até a carroça puxada a cavalos do Sr. Tanaka, arranjando-os atrás. Trepei na roda para ver. Em geral os peixes olhavam com olhos vítreos, mas um ou outro movia a boca no que me parecia um pequeno grito. Tentei acalmá-los dizendo:

– Vocês vão para a cidade de Senzuru, peixinhos! Tudo vai ficar bem.

Não vi de que adiantaria contar-lhes a verdade.

Finalmente o Sr. Tanaka saiu para a rua e disse a Satsu e a mim que subíssemos no banco da carroça com ele. Sentei-me no meio, perto o bastante para sentir o tecido do quimono do Sr. Tanaka contra minha mão. Não pude evitar ficar vermelha por isso. Satsu olhava bem para mim, mas não pareceu perceber nada, e exibia a sua expressão confusa de sempre.

Passei boa parte da viagem olhando para trás, para os peixes, que sacolejavam em seus cestos. Quando chegamos ao topo da colina que saía de Yoroido, uma roda passou sobre uma pedra e a carroça se inclinou para um lado de repente. Um dos peixes saltou do cesto e bateu tão forte no chão que se reanimou. Vê-lo retorcendo-se e ofegando foi mais do que eu podia suportar. Voltei-me com lágrimas nos olhos e, embora tentasse escondê-las do Sr. Tanaka, mesmo assim ele percebeu. Quando nos pusemos de novo a caminho, depois de ele ter recuperado o peixe, ele me perguntou o que estava acontecendo.

– Coitado do peixinho! – falei.

– Você parece a minha esposa. Estão quase todos mortos quando ela os vê, mas se tem de cozinhar um caranguejo ou outra coisa ainda viva, fica de olhos molhados e canta para eles.

O Sr. Tanaka me ensinou uma canção – na verdade quase uma espécie de oração – que achei que sua esposa inventara. Ela a cantava para caranguejos, mas nós mudamos as palavras para peixes:

Suzuki yo suzuki!
Jobutsu shite kure!

Peixinho, ah, peixinho!
Corra para a luz de Buda!

Depois me ensinou outra canção, uma de ninar, que eu nunca ouvira antes. Nós a cantamos para o linguado que jazia sozinho num cesto ao fundo, com seus dois olhos de botão ao lado da cabeça rolando nas órbitas.

Nemure yo, ii karei yo!
Niwa ya makiba ni
Tori mo hitsuji mo
Minna nemureba
Hoshi wa ma do kara
Gin no hikari o
Sosogu, kono yoru!

Durma, bom linguado!
Quando todos dormirem,
até pássaros e ovelhas
nos campos e nos jardins.
Esta noite as estrelas
vão derramar sua luz dourada
pela janela.

Chegamos ao alto da montanha alguns minutos depois e a cidade de Senzuru apareceu abaixo de nós. O dia estava escuro, tudo em sombras de cinza. Era minha primeira visão do mundo fora de Yoroido, e achei que

não era grande coisa. Podia ver os telhados de sapê da cidade em torno de uma enseada entre colinas sem graça, e além delas o mar cor de metal com listras brancas. Terra adentro, a paisagem podia ser mais atraente, não fossem os trilhos de trem que a atravessavam como uma cicatriz.

Senzuru era em geral uma cidade suja e malcheirosa. Até o oceano tinha ali um odor terrível, como se todos os seus peixes estivessem apodrecendo. Em torno dos pilares do cais boiavam pedaços de legumes como as águas-vivas em nossa pequena enseada. Os barcos eram tão amassados e sujos de óleo que pareciam ter estado lutando entre si.

Satsu e eu nos sentamos longo tempo no cais, até que por fim o Sr. Tanaka nos chamou para dentro da sede da Companhia Japonesa de Frutos do Mar e nos levou por um corredor comprido. Nem se estivéssemos dentro de um peixe o odor das tripas dele seria mais forte do que ali. Mas no final, para surpresa minha, havia um escritório adorável para os meus olhos de 9 anos. Assim que entramos, Satsu e eu paramos descalças num chão de pedra lisa. Diante de nós, um degrau levava a uma plataforma coberta com tatames. Talvez tenha sido isso o que me impressionou; aquele assoalho elevado fazia tudo parecer maior. De qualquer modo, achei que era o aposento mais belo que eu já vira – embora agora me faça rir a ideia de que o escritório de um comerciante de peixes numa minúscula cidade do mar do Japão pudesse ter impressionado tanto a quem quer que seja.

Na plataforma, sobre uma almofada, se sentava uma senhora que se levantou quando nos viu e chegou até a beira para acomodar-se sobre os joelhos. Era velha e parecia mal-humorada, e devia ser a pessoa mais inquieta do mundo. Quando não estava ajeitando seu quimono, estava limpando algo do canto do olho ou coçando o nariz, o tempo todo suspirando como se lamentasse muito ter de se mexer tanto.

– Estas são Chiyo-chan e sua irmã mais velha, Satsu-san – disse-lhe o Sr. Tanaka.

Fiz uma pequena mesura, a que a Sra. Mexe-Mexe respondeu com um aceno de cabeça. Então soltou o seu maior suspiro até ali e começou a cutucar uma mancha grossa no pescoço. Eu queria desviar os olhos, mas os dela ainda estavam fixos nos meus.

– Bem, você é Satsu-san, é? – disse, mas ainda olhava para mim.

– Eu sou Satsu – disse minha irmã.

– Quando foi que nasceu?

Satsu ainda parecia incerta a respeito de a quem de nós duas a Sra. Mexe-Mexe se dirigia, de modo que respondi por ela:

– Ela é do ano da vaca.

A velha estendeu a mão e me deu umas palmadinhas com os dedos. Mas fez isso de um jeito muito peculiar, batendo várias vezes de leve em meu queixo. Entendi que era só uma palmadinha porque seu olhar era bondoso.

– Esta é bem bonita, não é? Que olhos raros! Logo se vê que é inteligente. Olhe só a sua testa.

Nisso virou-se para minha irmã novamente, e disse:

– Então. O ano da vaca; 15 anos; planeta Vênus; seis, branca. Hum... Chegue mais perto.

Satsu fez o que ela pedia. A Sra. Mexe-Mexe começou a examinar o rosto dela, não só com os olhos mas também com as pontas dos dedos. Passou longo tempo conferindo o nariz de Satsu de diversos ângulos, bem como suas orelhas. Beliscou os lóbulos várias vezes, depois deu um grunhido indicando que terminara com Satsu e se virou para mim.

– Você é do ano do macaco. Posso dizer só de olhar! Quanta água você tem! Oito, branca; planeta Saturno. E é uma menina muito atraente. Venha mais perto.

Passou a fazer a mesma coisa comigo, beliscando minhas orelhas e assim por diante. Fiquei pensando que ela cutucara a mancha cascuda em seu pescoço com aqueles mesmos dedos. Logo se levantou e desceu até o chão de pedra onde estávamos paradas. Levou algum tempo metendo os pés tortos nas sandálias *zori*, até que se virou para o Sr. Tanaka e lançou um olhar que ele pareceu entender, pois saiu da sala e fechou a porta.

A Sra. Mexe-Mexe abriu a blusa de camponesa de Satsu e a tirou. Mexeu um pouco nos seios de Satsu, olhou debaixo de seus braços, depois virou-a e olhou seu traseiro. Eu estava em tal estado de choque que quase nem conseguia olhar. Certamente vira Satsu nua antes, mas o modo como a Sra. Mexe-Mexe manipulava o corpo dela parecia ainda mais indecente do que quando Satsu abria seu traje de banho para o rapaz Sugi. Depois, como se ainda não tivesse feito o bastante, a Sra. Mexe-Mexe baixou a calça de Satsu até o chão, olhou-a de cima a baixo e virou-a, olhando-a de frente outra vez.

– Saia de sua calça – ordenou.

Fazia muito tempo que eu não via o rosto de Satsu tão confuso, mas ela saiu de cima do tecido. A Sra. Mexe-Mexe a pegou pelos ombros e sentou-a

na plataforma. Satsu estava totalmente nua; não sei se ela tinha mais ideia do que eu do motivo pelo qual estava ali sentada. Mas não teve tempo de pensar muito, pois em um instante a Sra. Mexe-Mexe tinha posto as mãos nos joelhos de Satsu, afastando-os. E sem hesitar um instante, enfiou a mão entre as pernas dela. Eu já não conseguia olhar. Acho que Satsu deve ter resistido, porque a Sra. Mexe-Mexe deu um grito, e no mesmo momento ouvi uma palmada ruidosa, da Sra. Mexe-Mexe batendo na perna de Satsu – vi mais tarde a marca vermelha que ficara na perna dela. Assim que terminou, a Sra. Mexe-Mexe disse à minha irmã que vestisse de novo suas roupas. Enquanto se vestia, Satsu deu uma fungada alta. Talvez estivesse chorando, mas eu não me atrevia a olhar para ela.

Em seguida a Sra. Mexe-Mexe veio até mim, e em segundos minha própria calça estava baixada em torno de meus joelhos e minha camisa fora retirada como a de Satsu. Eu não tinha peitos para a velha mexer, mas ela olhou debaixo de meus braços como fizera com minha irmã e também me virou antes de me sentar na plataforma e puxar a calça de minhas pernas. Eu tinha um medo horrível do que ela faria, e quando tentou afastar meus joelhos teve de me bater na perna como fizera com Satsu, e minha garganta ardeu no esforço de conter as lágrimas. Ela meteu o dedo entre minhas pernas e deu o que me pareceu um beliscão, de um jeito que me fez gritar. Quando mandou que me vestisse outra vez, eu me sentia como uma represa segurando um rio inteiro. Mas tive medo de que, se Satsu ou eu começássemos a soluçar feito criancinhas, o Sr. Tanaka pudesse não gostar.

– As meninas são saudáveis – disse ela ao Sr. Tanaka quando ele voltou – e muito adequadas. As duas estão intactas. A mais velha tem madeira de mais, mas a novinha tem bastante água. Bonita também, não acha? A irmã mais velha parece uma camponesa ao lado dela!

– Estou certo de que são duas meninas atraentes, cada uma a seu modo – falou ele. – Por que não falamos um pouco sobre isso, enquanto eu a acompanho até lá fora? As meninas vão esperar por mim aqui.

Depois que o Sr. Tanaka fechou a porta atrás deles, virei-me e vi Satsu sentada na beira da plataforma, olhos fixos no teto. Por causa do formato de seu rosto, as lágrimas se acumulavam ao longo de suas narinas, e rompi em soluços no momento em que a vi daquele jeito. Senti-me culpada pelo que acontecera, e limpei suas lágrimas com a barra de minha camisa.

– Quem era aquela mulher horrenda? – perguntou-me.

– Deve ser uma adivinha. Provavelmente o Sr. Tanaka quer saber tudo o que puder sobre nós...

– Mas por que ela teve de nos olhar daquele jeito horrível?

– Satsu-san, você não entende? O Sr. Tanaka está pensando em nos adotar. Ao ouvir isso Satsu começou a piscar como se tivesse um inseto no olho.

– De que está falando? O Sr. Tanaka não pode nos adotar.

– Papai está tão velho... E agora que nossa mãe está doente, acho que o Sr. Tanaka se preocupa com o nosso futuro. Não vai haver ninguém para cuidar de nós.

Satsu se pôs de pé, tão agitada ficou ao ouvir o que eu dissera. Seus olhos começaram a ficar estrábicos, e pude ver que ela se esforçava em acreditar que nada nos tiraria de nossa casinha bêbada. Espremia as coisas que eu lhe dissera como a gente espreme água de uma esponja. Devagar, seu rosto começou a relaxar outra vez, e ela voltou a sentar na beira da plataforma. Logo estava olhando vagamente ao redor, como se aquela nossa conversa nunca tivesse acontecido.



A casa do Sr. Tanaka ficava no fim de um caminho logo ao extremo da cidade. A alameda de pinheiros a seu redor tinha o aroma rico do oceano nos penhascos junto de nossa casa; e quando pensei no oceano e em como eu estaria trocando um cheiro pelo outro, senti um vazio terrível, do qual tive de me livrar assim como a gente tem de se afastar de um penhasco depois de espiar por cima dele. A casa era mais imponente do que qualquer coisa em Yoroido, com enormes beirais como o templo de nossa aldeia. E quando o Sr. Tanaka andou até a entrada, deixou seus sapatos exatamente onde os descalçara, então uma empregada veio e os colocou numa prateleira. Satsu e eu guardamos nossos próprios sapatos. Quando eu estava inclinada fazendo isso, senti algo me roçar de leve nas costas, e uma pinha caiu no chão de madeira entre meus pés. Virei-me e vi uma menina mais ou menos da minha idade parada do lado de fora à porta. Era um pouquinho menor do que eu, com cabelo muito curto. Sorriu para mim com um espaço vazio entre os dentes da frente, depois saiu correndo, olhando sobre o ombro como para ver se eu a perseguiria. Pode parecer esquisito, mas eu nunca tinha visto uma menina da minha idade. Conhecia as meninas de minha aldeia, mas tínhamos crescido juntas, e nunca fazíamos nada parecido com

um “encontro”. Mas Kuniko – era o nome da filhinha do Sr. Tanaka – foi tão amigável desde o primeiro instante em que a vi que achei que seria fácil para mim mudar-me de um mundo para outro.

O traje de Kuniko era muito mais refinado do que o meu, e ela usava sandálias *zori*; mas sendo a menina de aldeia que eu era, corri atrás dela descalça para dentro do bosque. Alcancei-a numa espécie de casa de brinquedo feita com galhos serrados de uma árvore morta. Ela empilhara pedras e pinhas para dividir os cômodos. Num deles fingiu servir-me chá de uma xícara rachada; em outro nos revezamos cuidando de sua boneca, um bebê, um menininho chamado Taro, que na verdade não passava de um saco de lona recheado de terra. Taro se dava muito bem com estranhos, disse Kuniko, mas tinha pavor de minhocas – e por uma coincidência muito peculiar, Kuniko tinha o mesmo medo. Quando encontramos uma, Kuniko se certificou de que eu a levasse para fora em meus dedos para que o pobre Taro não rompesse em pranto.

Fiquei encantada com a perspectiva de ter Kuniko como irmã. Na verdade, as árvores majestosas e o cheiro de pinheiros – até mesmo o Sr. Tanaka –, tudo começou a me parecer quase insignificante comparado a isso. A diferença entre a vida ali na casa dos Tanakas e a vida em Yoroido era tão grande quanto a diferença entre o odor de alguma coisa cozinhando e um bocado de comida deliciosa.

Quando escureceu, lavamos nossas mãos e pés no poço e entramos para nos acomodar no chão em torno de uma mesa quadrada. Fiquei surpresa ao ver a fumaça do que íamos comer erguer-se para os caibros de um teto acima de mim, com lâmpadas elétricas penduradas sobre nossas cabeças. A claridade no aposento era ofuscante. Eu nunca vira nada assim antes. Logo os empregados trouxeram nosso jantar de linguado grelhado, pickles, sopa e arroz cozido, mas no momento em que começamos a comer as luzes se apagaram. O Sr. Tanaka sorriu; aparentemente isso acontecia com frequência. Os criados acenderam lanternas penduradas em tripés de madeira ao redor de nós.

Ninguém falou muito enquanto comíamos. Eu esperara que a Sra. Tanaka fosse glamourosa, mas parecia uma versão mais velha de Satsu, apenas sorria bastante. Depois do jantar ela e Satsu começaram a jogar *go* e o Sr. Tanaka se pôs de pé e ordenou que uma criada trouxesse o casaco de seu quimono. Num momento ele se fora, e depois de um instante Kuniko me fez um gesto para que a seguisse para fora. Calçou um par de sandálias *zori* de palha e me emprestou um par extra. Perguntei-lhe aonde íamos.

– Fique quieta! – advertiu-me. – Vamos seguir o papai. Eu faço isso sempre que ele sai. É segredo.

Seguimos pelo caminho e entramos na rua principal em direção da cidade de Senzuru, seguindo o Sr. Tanaka a certa distância. Em poucos minutos estávamos andando entre as casas da cidade, e Kuniko pegou meu braço, puxando-me por uma rua lateral. No final de uma calçada de pedra entre duas casas, chegamos a uma janela fechada com cortinas de papel que deixavam passar a luz interior. Kuniko botou o olho num buraco rasgado bem ao nível dos olhos numa das cortinas. Enquanto ela espiava, ouvi rumores de riso e conversas, e alguém cantando acompanhado por um *shamisen*. Depois ela deu um passo para o lado, para que eu pudesse espiar pelo buraco. Metade do aposento estava escondida de meu olhar pela outra cortina, mas pude ver o Sr. Tanaka sentado sobre os colchões com um grupo de três ou quatro homens. Um ancião a seu lado contava uma história a respeito de ter segurado uma escada para uma jovem e espiado debaixo de suas roupas; todos riam, exceto o Sr. Tanaka, que olhava fixo para a frente, para a parte do cômodo que eu não conseguia enxergar. Uma mulher mais velha, de quimono, trouxe um copo que ele segurou enquanto ela lhe servia cerveja. O Sr. Tanaka me parecia uma ilha no meio do mar, porque, embora todos os demais achassem graça da história – até a mulher idosa que servia a cerveja –, ele continuava olhando para a outra ponta da mesa. Tirei meu olho do buraco para perguntar a Kuniko que lugar era aquele.

– Uma casa de chá – contou-me. – É onde as gueixas entretêm os homens. Meu pai vem aqui quase toda noite. Não sei por que ele gosta tanto. As mulheres servem bebidas e os homens contam histórias, a não ser quando cantam. E todo mundo acaba bêbado.

Botei o olho outra vez no buraco, a tempo de ver uma sombra atravessando a parede, e então apareceu uma mulher. Seu cabelo estava enfeitado com os ramos verdes pendentes de um salgueiro e ela usava um quimono rosa-claro com flores brancas como que aplicadas em todo ele. O largo *obi* amarrado à sua cintura era laranja e amarelo. Eu nunca vira roupas tão elegantes. Nenhuma das mulheres de Yoroido possuía nada mais sofisticado do que um traje de algodão, ou talvez linho, com um desenho simples em tom índigo. Mas, diferente de suas roupas, a mulher não era nada bonita. Seus dentes eram tão salientes que seus lábios nem os cobriam direito, e sua cabeça era tão estreita que imaginei se não tinha sido comprimida entre duas tábuas quando bebê. Você pode me achar cruel ao descrevê-la assim;

mas achei estranho que, embora ninguém pudesse chamá-la de beldade, os olhos do Sr. Tanaka estivessem fixos nela como um trapo num gancho. E continuava observando-a quando todo mundo ria, e quando ela se ajoelhou a seu lado para despejar mais algumas gotas de cerveja em seu copo, ergueu os olhos para ele de um modo que sugeria que se conheciam muito bem.

Kuniko espiou outra vez pelo buraco; depois voltamos para casa e nos sentamos juntas na banheira, na beira do bosque de pinheiros. Ao olhar para cima, via um céu cheio de estrelas, exceto a parte bloqueada por ramos acima de mim. Eu poderia ter ficado ali muito mais tempo tentando entender o que vira naquele dia e as mudanças que enfrentava... Mas Kuniko ficara tão sonolenta na água quente que logo chegaram as criadas para nos ajudar a sair.

Satsu já roncava quando Kuniko e eu nos deitamos a seu lado em nossos *futons*. Corpos apertados um contra o outro, braços enlaçados. Um cálido sentimento de felicidade começou a inchar dentro de mim, e sussurrei para Kuniko:

– Sabia que eu virei morar aqui com você?

Achei que a novidade a surpreenderia e faria com que abrisse os olhos, ou quem sabe até sentar-se. Mas não a despertou de sua sonolência. Ela soltou um grunhido e, um momento depois, sua respiração era quente e úmida, com o ronronar do sono.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br